

Nós, documentaristas - Petra Costa

00:44 - Petra Costa: A realidade é implacável. Com certeza documentar tem a ver com esse desejo de se confrontar com a realidade. E depois ressignificar aquilo em uma conversa com aquele material, contrapor, fazer um material bater no outro, ver o que juntos eles fazem. e a infinidade de coisas que estão ali para serem descobertas nesses materiais. Talvez seja o mais próximo que a gente já tenha chego de um túnel do tempo mesmo, de uma máquina do tempo, de realmente voltar no tempo e viver outro tempo. É uma forma de aumentar a bolha da solidão e por alguns instantes você sentir que você a explodiu um pouquinho. Talvez este seja o princípio do incômodo criador que me faz fazer filmes.

Petra Costa: Eu sofri muito antes de descobrir que eu queria fazer documentários. Porque eu sempre gostei muito de teatro, mas eu achava um luxo. Desconectar da realidade a ponto de poder só interpretá-la. E também não me sentia suficientemente capaz de falar do mundo só cursando teatro. E aí eu fui estudar antropologia, muito no desejo de tentar entender que mundo era esse do qual eu queria de alguma forma falar. E eu comecei a sentir uma necessidade muito forte de voltar pra arte de alguma forma. Eu acho que o que me acalmou no documentário foi justamente a amplitude, porque dava pra ser tudo isso ao mesmo tempo.

Senhora no filme: A gente não sabe viver separado, né? Nossa vida é toda entrelaçada.

Petra Costa: Me encantei com o cinema, com a montagem, com a possibilidade da alquimia audiovisual. Porque antes, na antropologia, eu via o cinema mais como uma ferramenta do que como algo que te transforma também. E aí eu entendi, eu senti isso, e foi um encontro bem forte.

Eu fiz o “Olhos de Ressaca” por uma questão de tempo. Acho que eu acabo conseguindo fazer os filmes quando eu sinto que tem uma urgência. Que se não fizer naquele momento, pode nunca mais poder fazer, senão vira uma tortura. A urgência da vida deles, eles já eram idosos, meus avós.

Eles iam celebrar 60 anos de casados. Eu queria dar de alguma forma presente pra eles e aí foi muito especial, porque eu acabei conhecendo muito eles nesse processo, porque eu comecei a filmá-los enquanto atores, pessoas em ação. E o bonito foi descobrir isso através do próprio cinema, porque um dia por coincidência filmando o meu avô com uma

super-8... A super-8 foi a chave pra esse filme. Eu tinha já filmado algumas vezes com a câmera normal, mas no momento que eu encontrei com a super-8 foi que eu descobri o filme. E aí, um dia, filmando o meu avô com uma super-8 ele ouviu o barulhinho e falou “alguém filmou o nosso casamento com uma maquininha que nem essa”. E ninguém nunca tinha visto, nenhuma película, e eu descobri muitas películas. Todos os filmes que eu fiz depois disso eu acabei usando essas películas que eu descobri por acaso, que estavam lá envelhecendo, porque minha vó tinha já uma relação com a câmera. Desde os anos 50 ela tinha Bolex, uma super-8, tinha várias camerazinhas. E isso acabou de certa forma passando de mulher pra mulher na família.

05:51 - Senhora no filme: Ela que costurava pra nós. Ela fazia comida. Senti muito a morte dela. Sinto até hoje. Sinto falta dela, dos carinhos dela, do riso dela, sinto no coração, na memória.

Petra Costa: Quando eu terminei o “Olhos de Ressaca”, comecei a escrever um roteiro de ficção, que era sobre um dia na vida de uma mulher, em que ela é perturbada por memórias. E eu enquanto estava escrevendo estava tentando descobrir que memórias ram essas, e eu sonhei com a Elena. E isso me acompanhou por um tempo, mas depois eu acho que a minha vida foi encontrando um caminho que eu senti que esse trauma tinha virado uma memória. E eu queria falar dessa memória. Tanto de falar deste trauma quanto de não deixar a memória da Elena se esvair. Acho que os dois filmes, o “Olhos de Ressaca” e o “Elena” vêm desse desejo de não deixar a memória desaparecer. E o filme, o cinema, enquanto instrumento pra isso.

Petra no filme: Nossa mãe sempre me disse que eu podia morar em qualquer lugar do mundo. Menos em Nova York. Eu podia escolher qualquer profissão, menos ser atriz. No dia 4 de setembro de 2003, eu me matriculei no curso de teatro da Columbia University. Queriam que eu te esquecesse, Elena. Mas eu volto pra Nova York na esperança de te encontrar nas ruas.

Petra Costa: Como quase todo documentário, o “Elena” foi feito na sala de montagem. A gente começou trabalhando com esse material que já existia, de arquivo, e também entrevistei umas 20 pessoas que tinham conhecido a Elena. O processo de fazer o filme foi a descoberta da minha voz, de me autorizar a falar com ela. Pela primeira vez desde a morte dela. Em uma época, eu tinha morado fora, ela mandava cartas pra minha família de fita cassete, de áudio, como hoje em dia a gente manda de WhatsApp. Então eu resolvi

falar com ela desse jeito também. Tinha até uma carta em vídeo cassete, de vídeo, que minha família mandou pra ela. Foi quando eu vi isso que eu falei, vou fazer uma video-carta pra ela.

Elena no filme em off: 4 de março de 90. Tô aqui em Nova York. Agora, a primeira semana de março, mas nem parece que eu estou aqui há mais de um mês. Às vezes eu me sinto que nem um índio que vai pra cidade. Tudo está tão à frente que leva um tempo pra acostumar. É bom, mas leva um tempo. Aqui tem que pensar pequeno, ou melhor, querer bem pequeno. Senão a cidade te engole. 20 de março. Comecei a fazer umas aulas de canto divinas. Realmente cantar ópera é uma coisa que me fascina muito. Tô até aprendendo italiano, alemão, pra poder cantar melhor.

Petra Costa: O “Elena” só foi possível porque essa irmandade existia muito forte entre eu e minha mãe. Acho que minha mãe agiu muito de uma forma cúmplice comigo desde de que minha irmã morreu. E nunca tentou me esconder nada. Isso foi muito importante, acho que eu nunca teria conseguido elaborar nada do que aconteceu se ela não tivesse tido essa atitude.

10:39 - Petra Costa: E também essa mesma atitude quando eu comecei a fazer o filme, ela se abriu completamente. Então tivemos este companheirismo. Até mesmo dela voltar pra Nova York comigo, topar encarar esse trauma comigo. Porque é muito mais um trauma pra ela do que pra mim. Incomparável.

Petra Costa: E com 17 anos, você entra no grupo de teatro “Boi Voador”, em São Paulo.

Elena no teatro: Volta, me escolhe. Me leva.

Homem em off no vídeo: Pensei que você nem vinha mais. Que tivesse fugido com algum mocinho. Vem, estou adoecido de amor. Põe a mão em mim, viro água.

Petra Costa: A forma como eu pensei o “Elena” foi no teatro, foi corpo. E a forma como o “Elena” me tocava era no corpo. Era no corpo dela e no meu corpo e como o meu corpo sentia o corpo dela. Era uma coisa muito física mesmo. Então isso fez parte da concepção do filme e da forma como eu fui descobrindo quem ela era. Porque a questão dela era com o corpo acima de tudo. As questões, as dúvidas que ela tinha estavam muito relacionadas ao corpo dela. A angústia dela era uma angústia do corpo. Até perguntaram uma vez pra ela, se ela tivesse que optar pelo corpo ou pela cabeça por qual ela optaria, e ela optaria

pelo corpo, ela falou, pra uma tia minha. Minha tia, que era muito intelectual, ficou chocada. Fez parte disso, essa jornada foi muito muito corporal. Era um corpo que estava afogando em si mesmo, acho que o “Elena” é sobre isso.

Petra off no filme: Pouco a pouco, as dores viram água. Viram memória.

Petra Costa: O “Elena” ia ser lançado num momento em que estavam começando a explodir as redes sociais. e eu falei, gente, existe esse instrumento novo e eu vou ter que dominar ele muito pra lançar esse filme. Aquele filme me fez pensar muito nisso. Então um ano antes eu comecei a pensar, eu preciso fazer uma estratégia de divulgação inteligente, porque eu estava cansada de ver documentários e filmes que eu tinha trabalhado e de amigos que iam pra sala de cinema e faziam mil espectadores, 5 mil espectadores. E também um outro desejo que era trabalhar realmente uma campanha de impacto. De tentar contribuir um pouquinho pra romper o tabu do suicídio, pra trazer atenção a essa epidemia crescente da depressão nos jovens. Então usar o filme como instrumento pra um pouquinho de conscientização ou transformação social. E a resposta do público foi maravilhosa. De ver como muitas pessoas acabavam vendo a sua própria história ali. De perda, ou se desafio pessoal. O que em algumas pessoas ajudava, como elaboração.

Elena off no filme: 10 de setembro. Minha garganta está machucada. Sempre esteve. Não só por causa dos gelado, vento, frio, tensão, ansiedade. Mas principalmente a consciência do medo, da falta de amor por mim, pela minha voz. Talvez eu precise de uma terapia especial pra me destigmatizar e tirar esse rolo de fios bem aqui na garganta. Que antes não me deixava respirar, e agora não me deixa falar, nem cantar.

Petra Costa: porque a câmera é uma chave pra entrar dentro da vida de outra pessoa. Não só no sentido de compartilhar a história de um filme mas também nesse sentido, da câmera enquanto instrumento pra entrar na experiência do outro.

Petra off no filme: Na verdade, o nosso pai sempre diz que eu e você herdamos esse sonho de fazer cinema da nossa mãe. E no meio dessas fitas de vídeo eu achei esse filme, que ela nunca me mostrou. É um filme mudo, em que ela interpreta a protagonista. No tempo em que ela ainda sonhava em ser atriz de Hollywood e em beijar o Frank Sinatra. Assim, se sentia mulher e tentava escapar de um mundo em que se via desadaptada, incompreendida.

Petra Costa: Foi engraçado porque aquele mesmo roteiro que eu tinha pensado pro “Elena”, que era muito inspirado num livro que me assombrou por muitos anos, que é o Mrs Dalloway, da Virginia Woolf. Então eu queria partir, nessa ficção que eu estava escrevendo antes do “Elena”, desse artifício, um dia na vida de uma mulher em que ela é assombrada por memória e que, enfim, ela vai dar uma festa no final. E no “Olmo” voltou. Quando eu estava começando a fazer o “Olmo”, voltou. Eu comecei a re-trabalhar nesse roteiro de um dia na vida de uma mulher. E aí surgiu esse convite, que foi pra co-dirigir um filme com uma cineasta dinamarquesa. E eu amo cinema dinamarquês. E eu aceitei por isso. A gente tinha que, eu e minha co-diretora, em uma semana, criar uma ideia pra um filme. E foi engraçado porque no começo eu achava que a Olivia era uma mulher que tinha optado por não ter filhos. Eu até vendi a ideia pra Lea assim, tipo, olha, que interessante, uma mulher que optou por não ter filhos, atriz, e vai dar essa festa, talvez os dilemas e as memórias venham um pouco disso... E aí quando a gente convidou ela disse, sim, eu topo, mas eu estou grávida.

Médico em francês no filme. Transcrição das legendas: Nenhum acidente nem nada? Nada de especial nas últimas horas? Algum esporte, ou... Estava tranquila?

Olivia no filme. Transcrição das legendas: Estava trabalhando... Estava ensaiando, faço teatro. Trabalhando.

Médico em francês no filme. Transcrição das legendas: O bebê está bem. Mas há um hematoma na parte inferior do útero. De... 8 cm de diâmetro. Existe um risco... de aborto. Então fique em casa, de repouso. Pode trabalhar de casa, sentada. nada de escadas. É sério. Tem risco de perdê-lo.

20:14 - Petra Costa: E aí rapidamente a gente mudou o nosso pitch pra isso, e a ideia seria terminar ela dando uma festa extremamente grávida, que era, um dia viraram 9 meses. E aí eu gostei da ideia de explorar a gravidez por esse dilema, que é ter filhos. Que eu acho que é um dilema muito pouco explorado. Extremamente pouco explorado. Se você justapõe isso ao fato de que esse é o motivo pelo qual cada de um de nós está aqui, porque um dia uma mulher decidiu que ia ter um filho.

Olivia no filme, transcrição da legenda: Fiquei com um dente mole e uma amiga disse: “É normal, o bebê precisa de cálcio... Na gravidez pode-se perder dentes”. Eu ri com a ideia de uma troca tão absurda. A vida contra um dente. Mas a simplicidade com que ela

falou me perturbou muito. Como se fosse fácil dar pedaços de sim. Aí penso em mim, como mãe, e quando me imagino mãe, fico com medo. Porque não sei como se faz.

Petra Costa: E aí você começa a pensar nisso, e é interessantíssimo que a mulher mais conhecida no mundo seja a Virgem Maria, por ser virgem e ter tido um filho. E aí as discussões teológicas que tem em cima disso também são muito interessantes, que ela não era virgem, porque quando ela teve o filho o hímen rompeu, e que a virgindade da Virgem Maria foi uma invenção de tradução do aramaico pro latim, e que até no inglês corrigiram pra “senhorita”, que não era virgem, era senhorita. Uma jovem senhora que não é casada. E aí você vai vendo sedimentos de machismo que foram um caindo em cima do outro pra gente ter essa relação que a gente tem hoje com a gravidez, com o aborto.

Olivia no filme off, transcrição da legenda: Sempre, sempre atuando. Atuando, atuando, atuando. Com 4, 5, 6 anos, 7, 25, 32. Fazendo de tudo para ser amada.

Petra Costa: essas questões do feminino acho que surgiram de uma dor mesmo. esse desejo, que eu estava falando no começo, quase incontrolável, de fazer arte, em algum momento veio de uma dor muito profunda. E de também falar desse pessoal político que é ser mulher, que é viver com a morte de alguém próximo, o suicídio, que foram coisas que quando eu fui crescendo eram todas muito tabu ou pouco exploradas.

Petra Costa: Por que ser um documentarista? Porque tudo desaparece muito rápido. Tanto o que é prazeroso quanto o que é dolorido. Então é uma tentativa de preservar um pouco mais, dilatar o instante da experiência. Poder, de alguma forma, compartilhar.